

## Ponciá Vicêncio e Conceição Evaristo, irmãs siamesmas?

Ronald Augusto\*

O movimento interrompido de uma vontade objetiva em direção ao mundo subjetivo de um ser de ficção. O insucesso do verismo. Em outros termos, proponho uma leitura que admite a seguinte premissa: há, de um lado, a pessoa civil Conceição Evaristo e, de outro, a personagem Ponciá Vicêncio. Entre ambas, como que mediando e interpretando as conjunções e disjunções dessa relação menos real do que ficcional, emerge o *ego scriptor*, isto é, essa coisa que, na ausência de melhor definição, poderia ser referida como o agente de uma poética, algo que existe ou que acontece apenas quando o processo narrativo se atualiza em linguagem.

No paratexto à obra, *Falando de Ponciá Vicêncio...*, Conceição traduz essa ideia como “o ato da escrita”. O *ego scriptor* de Conceição Evaristo funciona como uma entidade que existe apenas enquanto performatiza um discurso estético-literário. O agente do *ato da escrita* existe no imediato fazer. Enquanto faz linguagem ele se faz a si mesmo: a esse *ego scriptor* só importa o durante. Antes e depois, são categorias nas quais o ato da escrita não se enquadra. Vejamos como a escritora considera esse momento crucial da experiência poética em que sua condição empírica como que se se transforma em outra coisa:

Resolvi então ler a história da moça. Ler o que eu havia escrito. Veio-me à lembrança o doloroso processo da criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. (EVARISTO, 2023, p. 7)

Não temos conhecimento sobre o que significa no processo de criação isso que a escritora identifica como “doloroso”. Por que, afinal de contas, é doloroso? Será, talvez, porque o agente do ato da escrita – que não é nem propriamente Conceição Evaristo, nem Ponciá Vicêncio – acaba revelando a existência de uma disjunção efetiva entre elas? Em outros termos, que elas, ao fim e ao cabo, não formam uma unidade? A bem da verdade, é possível que nenhum desses três seres venham um dia a se encontrar de modo seguro. Às vezes (dialética entre disjunção e conjunção) “o choro da personagem” se confunde com o da autora; às vezes.

A relação quase inextrincável entre Conceição e Ponciá, reiterada a ponto de me fazer lembrar a palavra-montagem *siamesmas*\*\*, indica uma outra forma de identificação ou de semelhança que parcela da recepção, a partir do conceito de literatura negra, estabelece entre o autor empírico e a voz do poema ou o narrador-personagem romanesco. Quando Conceição Evaristo autografa, ao modo de um atofalho, seu relato como Ponciá Vicêncio, o que estamos testemunhando é, em alguma medida, a vitória da noção segundo a qual a chamada autoria negra se trata de uma literatura por meio da qual o leitor se depara com a verdade crua das vidas negras

encarnadas em texto. Em outras palavras, temos assim o conceito de escritor negro e a obra realizada como coextensividade de sua presença empírica no mundo. Literatura como imediato sucedâneo do real. E o leitor, enquanto personagem implícito da narrativa ou das imagens do poema, aspira a enxergar-se a si mesmo no espelho da linguagem que, mais ao fundo, parece também enquadrar um trecho do real ou da experiência social.

Ponciá Vicêncio é um personagem de ficção que acha sua justificação nos transe e prazeres surgidos da tensa interação entre Conceição e a outra – algo que se faz como ato da escrita. Conceição e seu *ego scriptor* aqui e ali litigam pela autoria de Ponciá. Ponciá Vicêncio, num primeiro momento, é salva por Evaristo do sumidouro da vida empírica quando lembrada, quando reinventada, mas pouco a pouco o agente do ato da escrita converte Ponciá numa metáfora arrancando a moça do parentesco com Conceição Evaristo.

Conceição Evaristo e seu *ego-scriptor* (espécie de disposição para a imaginação poética) se imiscuem e se dissipam na personagem Ponciá Vicêncio. Ponciá mimética, molda em barro a figura do avô de braço cotoco; e pequena encolhe o bracinho performando a linguagem corporal do avô, ou como se fosse o receptáculo para o espírito do antepassado, Ponciá investe na introspecção, no discurso íntimo, involucrado.

A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada. Falava pouco e quando falava, às vezes, dizia coisas que ele não entendia. Ele perguntava e quando a resposta vinha, na maioria das vezes, complicava mais ainda o desejo de diálogo dos dois. Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele espantado perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que ele poderia lhe chamar de nada. (EVARISTO, 2023, p. 19)

Ponciá Vicêncio é sequestrada pelo ato da escrita e aos poucos começa a incorporar os vezos de (ou da) narradora que lhe empresta tanto as possibilidades como os limites da existência de um personagem de ficção. A introspecção faz de Ponciá objeto do *ego scriptor* de Conceição Evaristo. A introspecção é metalinguística: o personagem-ser de ficção, como metáfora da narradora Conceição Evaristo, segue abrigado entre as capas do livro e enquanto dure a leitura. Sua existência além das margens onde o papel é cortado não se desdobra na vida prática da escritora, mas apenas na esperança e no desejo do leitor que não aceita o desaparecimento de Ponciá ou o próprio desaparecimento no momento em que a narrativa se encerra e volta à estante para se transformar em um volume entre outros.

---

\* Ronald Augusto é poeta e ensaísta. Formado em Filosofia pela UFRGS. Mestre e doutorando em Letras na mesma instituição. Autor de, entre outros, *Confissões Aplicadas* (2004), *Cair de Costas* (2012), *Decupagens Assim* (2012), *Empresto do Visitante* (2013), *Nem raro nem claro* (2015), *À Ipásia que o espera* (2016), *O leitor desobediente* (2020) e *Tornaviagem*.

\*\* O poeta Augusto de Campos usa “irmãos siamesmos” para se referir ironicamente à maneira insistente como críticos ou admiradores juntavam seu nome ao de seu irmão Haroldo de Campos, quase anulando as diferenças e particularidades de um e de outro.

### **Referência**

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.